

SUSTEN TABILI DADE NEWS

EDIÇÃO 25
JUNHO
2024

LEIA NESSA EDIÇÃO

PÁG. 2

**DIA MUNDIAL DO
MEIO AMBIENTE**



PÁG. 7

**MUDANÇAS
CLIMÁTICAS E
REFÚGIOS
AMBIENTAIS**



PÁG. 8

**ENTREVISTA
COM O CACIQUE
ALGEMIRO KARAÍ
MIRIM**



**SESC+
SUSTEN
TABILI
DADE**

Sesc

DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

Por Daniela Almeida - Sesc Niterói

“Acelerar a restauração da Terra, a resiliência à seca e o progresso da desertificação”, é o tema do Dia Mundial do Meio ambiente de 2024 que, comemorado em 05 de junho, foi lançado pela PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) para destacar o desafio do planeta diante da crise ambiental já em andamento. Esse ano, a Arábia Saudita será o país sede do evento, país esse que vem enfrentando um intenso processo de desertificação. Sem alarmismo, mas sendo realista, o tema desse ano retrata o que já vivemos: uma grave crise climática que, se por um lado já vem resultando em secas e calores extremos em alguns lugares do mundo, por outro, alguns países também sofrem com frio intenso e enchentes. Os ecossistemas estão profundamente impactados depois de anos de uso inadecuado dos recursos naturais nos quais milhares de vidas já se encontram em risco de extinção, entre fauna e flora, bem como nossas reservas de água potável e, sobretudo os oceanos, em colapso pela poluição, principalmente do resíduo plástico.

Propor a restauração do planeta na verdade é falar da restauração da biodiversidade. A biodiversidade que é a grande teia da vida na qual todos os seres estão interligados, bem como cada um desempenha sua função. Ou seja, ter essa biodiversidade afetada significa uma ameaça a toda forma de vida, inclusive a nossa. Como destaca a WWF (sigla em inglês para Fundo Mundial da Natureza), a redução da biodiversidade significará menos alimentos, mais pragas e doenças no futuro bem próximo, além da escassez de água potável.

COLABORADORES: Conteúdo elaborado pelos analistas do projeto Sesc+ Sustentabilidade.

Unidades envolvidas: Daniel Pereira • Sesc Madureira | Daniela Almeida • Sesc Niterói
Helena Oliveira • Sesc Teresópolis
Nathalia Miranda • Sesc RJ (Sede) - Coordenação de Sustentabilidade
Leonardo Oliveira - Programação Visual • Sesc Tijuca.

Imagens usadas: SescRJ | Freepik | Creative Commons | Pixabay

Quando falamos de sustentabilidade, pensar em todos esses impactos na natureza também significa falar de perdas econômicas e sociais. Assim, podemos entender que está em jogo também a perda da metade do PIB mundial devido à essas questões ambientais, bem como 3,2 bilhões de pessoas afetadas de alguma forma, correspondendo a quase 40% da população mundial, sendo que, sem dúvida, os mais pobres serão os mais prejudicados.

A União Mundial para a Natureza (IUCN, sigla em inglês), estima que a natureza nos oferece em serviços ecossistêmicos, ou seja, benefícios dados pela natureza (água, formação e proteção do solo, despoluição natural do ar, entre outros) cerca de 33 trilhões de dólares por ano (para termos uma melhor noção, essa quantia é superior ao PIB dos Estados Unidos de 2022 que foi de cerca de US\$ 25 trilhões). E esse número poderia ser ainda maior porque cada dólar investido em restauração pode significar 30 dólares de retorno em serviços ecossistêmicos que pode ser traduzido também em menos pobreza e menos catástrofes climáticas que oneram governos e desequilibra toda a sociedade. Contudo, estudos da década de 1990 já apontavam a perda da capacidade de provimento de serviços ecossistêmicos de quase metade das áreas terrestres do planeta, representando uma redução de aproximadamente 20% de benefícios provindos dos ambientes naturais, dos campos agrícolas, das pastagens e plantações florestais (Daily 1995 apud Perrioto & Martensen, 2019). O que podemos dizer é que a perda desses serviços só aumentou e muito pouco foi restaurado, pelo contrário, já alcançamos a marca de explorar 25% a mais da capacidade que o planeta tem de se regenerar a cada ano.

O Brasil assumiu o compromisso internacional de restaurar 12 milhões de hectares até 2030, o que equivale a quase três vezes o tamanho de todo o estado do Rio de Janeiro, entretanto em 2023 foi verificado que conseguimos avançar em menos de 150 mil hectares.

Restaurar ainda é possível? Sim, mais do que possível é necessidade obrigatória. Apesar dos países já terem se comprometido a restaurar 30% dos ecossistemas do Planeta até 2030, se conseguirmos restaurar 15% da biodiversidade podemos reverter até 60% das espécies ameaçadas.



Referências

<https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/discurso/dia-mundial-do-meio-ambiente-2024-acelerar-restauracao-da-terra>
<https://brasil.un.org/pt-br/268559-dia-mundial-do-meio-ambiente-onu-lan%C3%A7a-campanha-para-restaurar-terras-degradadas>
https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/biodiversidade/consequencias_perda_biodiversidade/

Benini, Rubens 2023. Dar escala à restauração: uma agenda que conecta o planeta, em: <https://www.tnc.org.br/conecte-se/comunicacao/artigos-e-estudos/escala-restauracao-florestal-conecta-o-planeta/>

Perrioto, F., Martensen, A. C. 2019. Restauo de Áreas Degradadas: Impactos Geradores e Processos de Restauração Ecológica In: Zabotto, A. R. Estudos Sobre Impactos Ambientais: Uma Abordagem Contemporânea. FEPAF, Otucatu, Brasil. pp. 153-162.

44 VOCÊ SABIA

que quando se fala de preservação ambiental, existem três conceitos e aplicações utilizados? Vamos lá:

Recuperação ambiental: é o retorno da área degradada a uma forma de utilização a fim de alcançar uma estabilidade do meio ambiente. Ou seja, a área degradada deverá ter condições mínimas para estipular um novo equilíbrio dinâmico, desenvolvendo um novo solo.

Reabilitação ambiental: é o retorno da área degradada a um estado biológico equilibrado. Isso pode significar que essa área poderá ser utilizada de maneira produtiva a longo prazo, mas com uma atividade alternativa, adequada ao uso do homem e não aquela de reconstituir a vegetação original.

Restauração ambiental: significa a obrigatoriedade do retorno ao estado original da área, da mesma forma que eram antes de serem modificadas pela interferência antrópica (do homem).

Saiba mais em:

<https://cgmengenharia.com.br/aprenda-a-diferenciar-recuperacao-reabilitacao-e-restauracao-ambiental/>



MUDANÇAS CLIMÁTICAS E REFUGIADOS AMBIENTAIS



As mudanças climáticas referem-se às alterações significativas e duradouras nos padrões climáticos da Terra. Mudanças podem ser naturais, como as variações na intensidade da radiação solar, erupções vulcânicas e mudanças nas correntes oceânicas. No entanto, desde o final do século XIX, as atividades humanas, especialmente a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural), desmatamento e certas práticas agrícolas, têm sido os principais impulsionadores das mudanças climáticas. Segundo a ACNUR, Agência das Organização das Nações Unidas para refugiados, é fato que as condições climáticas estão mudando e que a temperatura média está agora cerca de 1,1°C mais quente do que no final do século XIX. À medida que as mudanças climáticas causam eventos mais frequentes e extremos, mais pessoas estão sendo deslocadas por inundações, ciclones e secas. Os quase 32 milhões de deslocamentos causados por riscos relacionados ao clima em 2022 representam um aumento de 41% em comparação com os níveis de 2008. Refugiados enfrentam exposição desproporcional aos riscos relacionados ao clima em países de refúgio: embora os países altamente vulneráveis ao clima abriguem 20% da população mundial, eles acolhem mais de 40% dos refugiados. O termo “refugiados climáticos” não existe sob a lei internacional, mas diretrizes recentes divulgadas pelo ACNUR ressaltam que, sob a Convenção de Refugiados de 1951, “deve ser válida uma solicitação para o reconhecimento da situação de refugiado quando os efeitos adversos das mudanças climáticas ou desastres interagem com conflito e violência” Necessidade histórica frente ao aumento da temperatura média planetária, o fundo climático mundial foi aprovado no primeiro dia da COP28, ocorrido em 2023 em Dubai. Por enquanto, apenas os países mais vulneráveis serão apoiados, mesmo com vítimas marginalizadas no mundo todo. Apesar do cenário preocupante, não é tarde demais para agir, seja para reduzir as emissões e minimizar o aquecimento global, seja para investir em adaptações que aumentem a resiliência das populações vulneráveis e reduzam o risco de deslocamento ou outros impactos adversos. Seria o novo normal.

Referências

<https://www.acnur.org/portugues/2024/05/10/mitos-e-fatos-sobre-mudancas-climaticas-e-deslocamento-humano/>
<https://oeco.org.br/analises/nao-podemos-mais-ignorar-os-refugiados-ambientais/> <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mais-30-milhoes-de-deslocamentos-aconteceram-por-desastres-ambientais-no-ultimo-ano/>

Por Daniel Pereira - Sesc Madureira

Nessa seção convidamos você a vir com a gente em um passeio sobre diversos temas que estão no nosso dia a dia. Queremos te convidar a se perceber como parte do planeta e da natureza, estimular a pensar de maneira mais consciente e coletiva.



DENGUE E RESÍDUOS

Por Daniel Pereira

Em 2023 vivemos uma epidemia de dengue em grande parte do país. Autoridades sanitárias suspeitam que o pico epidêmico foi adiantado de abril para janeiro devido as temperaturas acima da média para o período. As chuvas frequentes contribuem também para o ciclo de vida do *Aedes aegypti*, o mosquito transmissor do vírus da dengue. Entre a postura dos ovos, a eclosão e o desenvolvimento das larvas, leva em média 10 dias para que esteja apto a infestação. Entretanto pouco se fala sobre a relação do aumento de casos da doença e o descarte inadequado de resíduos domésticos nos centros urbanos. Além de ser um potencial criadouro, uma possível explicação da relação entre lixo doméstico e casos de dengue pode residir no fato de que *Aedes aegypti* alimenta-se de frutas e vegetais adocicados, algo abundante no lixo residencial. Esse sortimento alimentar pode contribuir para o aumento populacional do mosquito, provendo nutrientes necessários nos diversos estágios de seu desenvolvimento, conforme estudo publicado no artigo Casos de dengue e coleta de lixo urbano: um estudo na cidade do Recife, de 2019. Ainda segundo o estudo ficou evidente que existe um grande volume de criadouros provenientes do lixo doméstico, o que gera a necessidade de atenção sobre a importância do correto acondicionamento dos resíduos. Porém, tão importante quanto acondicionar corretamente o lixo, está a coleta eficiente e regular, uma vez que se relaciona diretamente com o controle do *Aedes aegypti*.

Saiba mais em:

Sobral, M. F. F., & Sobral, A. I. G. da P. (2019). Casos de dengue e coleta de lixo urbano: um estudo na Cidade do Recife, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(3), 1075–1082. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018243.10702017>



Nessa seção teremos sempre uma entrevista ou depoimento para nos mantermos atualizado do que está rolando de posturas sustentáveis por aí.

Por Helena Oliveira - Sesc Teresópolis
Em uma transcrição completa da entrevista concedida pelo Cacique durante o Abril Indígena.

O Povo Guarani vive em cinco países da América do Sul: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Habitam, principalmente, as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Sendo, dessa maneira, uma das maiores populações indígenas do Brasil e do continente Sul-Americano. O Cacique Algemiro Karáí Mirim, da Aldeia Tekoa Sapukai, Angra dos Reis/RJ, esteve presente no Abril Indígena 2024, promovido pelo Sesc Teresópolis e nos conta um pouco sobre sua vida como Cacique e sobre sua Aldeia.

Algemiro Karáí Mirim, da Aldeia Tekoa Sapukai, Angra dos Reis/RJ, é Cacique e Professor Indígena do Tekoa Sapukai (Angra dos Reis/RJ). Possui graduação em Ciências Sociais - Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2013). É mestrando no Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas (PRO-LLIND/Museu Nacional/UFRJ). Atuou como professor no Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda (Território Indígena de Sapukai). Tem experiência na área de Educação, língua Guarani Mbya, conhecimentos tradicionais e cosmologia Mbya.

SN – CACIQUE, PODE SE APRESENTAR?

CACIQUE ALGEMIRO - Eu sou Algemiro da Silva, Cacique do povo Guarani, eu moro na Aldeia Sapukai de Bracuí, Angra do Reis. Sou cacique há 1 ano e pouquinho só, 1 ano e 3 meses.

SN - COMO SURTIU A ALDEIA?

CACIQUE ALGEMIRO - A aldeia mesmo começou em 1987, essa Aldeia grande, eu estou falando do meu grupo. Antes existia, obviamente, na década de 30, 40, já havia algumas famílias aí morando e tal, mas só que a gente chama de Aldeia maior, surgiu em 87, devido a um grupo grande, e demarcação, porque antes o pessoal achava que não precisava de demarcação. A demarcação começou com grupo grande que chegou do Sul. Eu cheguei também junto. Eu nasci na Argentina. Aí minhas famílias vieram andando e tal, aí chegou em Angra dos Reis, fez uma Aldeia grande, por isso que a gente chama de Aldeia grande. A Aldeia vai comemorar agora esse ano, 38 anos, de Aldeia grande, demarcação e tudo. Mas antes já havia.

ENTREVISTA COM
CACIQUE ALGEMIRO
KARÁÍ MIRIM, DA ALDEIA
TEKOA SAPUKAI, ANGRA
DOS REIS/RJ



SN - PODE FALAR UM POUCO MAIS DA ALDEIA?

CACIQUE ALGEMIRO - Nossa terra né, hoje chama Terra Indígena. A Terra Indígena de Bracuí foi demarcada e homologada em 1993, naquela época a quantidade de moradores era de duzentos e hoje chega a quinhentos Guaranis morando lá. É uma aldeia que fica no alto da Serra, da Mata Atlântica, muito legal, muito bom. E é óbvio que a gente tem quase tudo hoje, temos Colégio Estadual indígena, que é colégio que trabalha assim na Aldeia, nosso trabalho é pra preservar a natureza e preservar a cultura e a língua. Temos postos de saúde dentro da Aldeia, tem uma equipe muito boa de fora da Aldeia que vem, equipe de médicos. E aí claro que também temos vários remédios naturais que a gente usa lá, e assim por diante. Temos campo de futebol, vários times, né? Times formados lá, formado em time Guarani, né? Time Guarani. É assim a vida né, temos 130 casas, algumas casas ainda bem típicas, Guarani, cobertura de palhas e parede de barro, e algumas casa de alvenaria. As pessoas querem fazer né, melhorar as casas, também é bom isso.

SN - E COMO É SER CACIQUE? COMO É SEU DIA A DIA NA ALDEIA?

CACIQUE ALGEMIRO - Olha, eu estou há 1 ano e 3 meses só, eu estou tendo agora experiência, não tive ideia ainda como é que era o Cacique, apesar que o meu pai foi Cacique grande, cacique da aldeia durante quase a vida inteira dele foi o Cacique e Pajé. Eu estou agora de Cacique, mas ao mesmo tempo sociólogo e linguista né? E aí estou levando a experiência agora. Olha, acho que a primeira vez está tendo Cacique sociólogo né? Formado. E aí eu levo a minha vida na Aldeia diferente, acho que é diferente do passado, porque o passado era assim, conversava com todo mundo, aí fazia reunião, quem errava alguma coisa tem alguns castigos, entre aspas, naquela época. E hoje eu tenho meu escritório (risos), elaboro algum projeto, eu faço essa parte, e continuo também, é óbvio né? Continuo também fazendo a Assembleia Geral, uma reunião grande com a comunidade. Inclusive eu vou criar meu protocolo lá na Aldeia, protocolo vai dizer assim quem pode morar ali e quem não pode morar, o que é necessário pra morar ali, ou a visita né? Porque tem muitas visitas de outras Aldeias, e aí quando a visita chegar lá ou pra morar, aí mostra o protocolo, o que que pode fazer, o que não pode.

SN - NA ALDEIA OS SABERES INDÍGENAS SÃO PASSADOS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO? COMO É FEITA A MANUTENÇÃO DESSES SABERES?

CACIQUE ALGEMIRO - Saberes sim, saberes Guarani, principalmente, acho muito legal. A gente chama de educação Guarani, educação Guarani que não é escrita né? Cada família dá educação pra seus filhos, e hoje a gente se reúne né? Muitos anos atrás, digamos assim, duzentos, trezentos anos atrás, disse que era assim, cada família mesmo ser responsável pela educação de seus filhos. E hoje, tipo assim, todo mundo junta, todo mundo aprende juntos, é mais coletivo, claro que antigamente também era coletivo, mas hoje é bem reforçado assim pra



aprender coletivamente, todas coisas, a cultura, a comida, tudo que aprende ali, a língua Guaraní principalmente. Como eu sou linguista, eu fico encantado, é a minha própria língua, mas eu fico encantado como é que os Guaraní criaram sua língua, então tem muita coisa boa assim pra pensar e analisar, então é muito interessante isso.

SN - SEU POVO GUARANI PREFERE MORAR NA ALDEIA, OU MUITOS PREFEREM SAIR E MORAR FORA?

CACIQUE ALGEMIRO - Olha, eu sempre digo que nosso grupo aqui do estado do Rio de Janeiro, Aldeia Sapucaí é uma Aldeia maior do estado do Rio de Janeiro. Mas mesmo assim, a gente preserva até o momento, eu diria até o momento né? Esse grupo nosso, vieram de Santa Catarina, historicamente vem andando e tal, procurando a Mata Atlântica pra viver melhor. E aí a escola foi criada em 2005, esse grupo não teve escola tradicional do não índio né? Então, acredito que pessoal jovem ainda estão na Aldeia estudando, mas poucos ainda que estão indo fora estudar, então eles permanecem na Aldeia, não tem ninguém ainda que trabalhe fora da Aldeia. Pra manter a aldeia, aí eu trago essa conversa com eles né? Vocês podem estudar? Pode, vai estudar, mas aí alguém tem que fazer curso técnico pra trabalhar na aldeia, melhorar, cuidar da água, cuidar da do solo, cuidar dos ambientes né? Que precisa, então precisamos formar o jovem em curso técnico, porque, imagina, se todo mundo estudar fora da Aldeia, vai deixar a Aldeia.

SN - QUAIS OS MAIORES RISCOS PARA A ALDEIA E SEU POVO? EXISTEM RISCOS?

CACIQUE ALGERMIRO - Sim existe risco, como todos, qualquer povo hoje em dia, pelo que eu entendo, tem muito riscos, não só pro povo Guaraní, mas todos, em geral. A chegada de tecnologia na Aldeia, por exemplo, a história que a gente tem contado assim, deixou um pouco de lado, porque a tecnologia chegou né? Imagine, eu falei quinhentos Guaranis, então, quinhentos celulares, quinhentas televisões (risos), então isso traz uma preocupação muito grande, mas aí a gente tenta, que eu também, como cacique, eu não eu não posso proibir, dizer assim “ah você não pode usar”, mas eu tento trazer algum trabalho que possa sim elevar o jovem a fazer algum trabalho, aí deixa celular de lado né? E aí fazemos assim, é uma preocupação muito grande, porque não se ouve mais a história, que é tão linda. E lá na Aldeia, o que que eu faço na prática? Quando não tem luz, quando acabou luz, aproveito, reunir o jovem pra contar história. Faltou televisão, então nesse momento não tem televisão, não tem celular. Está descarregado. Que era assim antes né? Aí a gente está tendo bastante preocupação e ao mesmo tempo eu acho que é legal, ainda bem que existe essa preocupação, se eu não tivesse preocupação a gente até esqueceria de fazer essa roda de conversa à noite, e tal.

Referência

<https://opierj.org/sapukai/>

BICHO GRILO



Nesta seção é nossa hora de relaxar com algum passatempo preparado para a família.

#GERAÇÃORESTAURAÇÃO

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

I	L	O	U	O	T	H	U	L	A	S	O
A	A	D	K	C	W	E	A	W	R	R	P
W	R	W	I	T	C	C	E	C	E	B	O
E	E	R	E	S	Í	D	U	O	S	I	L
O	I	D	D	T	D	Y	W	L	T	N	U
L	R	H	W	A	S	W	D	E	A	V	I
S	N	N	N	O	C	T	O	U	U	G	Ç
A	F	V	O	I	E	B	T	E	R	I	Ã
D	O	D	V	B	U	L	I	D	A	Y	O
M	N	D	E	G	R	A	D	A	Ç	Ã	O
S	S	W	Y	A	W	I	R	O	Ã	F	C
S	E	H	W	U	E	U	N	I	O	D	A

PALAVRAS: DEGRADAÇÃO - POLUIÇÃO - RESTAURAÇÃO - RESÍDUOS

Por Daniela Almeida - Sesc Niterói